

Caderno de Experiência:

# Comércio Justo e Economia Solidária

Outra economia acontece!



Caderno de Experiência:

# Comércio Justo e Economia Solidária

Outra economia acontece!



Caderno de Experiência:

# Comércio Justo e Economia Solidária

Outra economia acontece!

Este caderno é uma publicação do Movimento de  
Organização Comunitária (MOC)

Coordenação

Programa de Comunicação

Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Textos

Abimael Passos dos Santos

Ana Carla Evangelista dos Santos

Célia Santos Firmo

Débora Araújo Oliveira

Gisleide do Carmo Oliveira

Mariza Cerqueira das Virgens

Roberta Rastl Kircher

Wlza Oliveira Almeida

Edição

Daiane Almeida Ferreira

Nayara Cunha da Silva

Revisão

Naidison de Quintella Baptista

Fotos

Arquivo MOC

Design e Editoração

Márcio Mendes da Silva

Impressão

Gráfica JB

Tiragem

500 exemplares

# Índice

- 5 Apresentação  
Experiências das Redes de Empreendimentos Econômicos Solidários
- 7 ARCO Sertão Bahia
- 11 Rede de Produtoras da Bahia  
Experiências dos Empreendimentos Econômicos Solidários no acesso aos mercados justos e solidários:
- 16 Organização dos apicultores e meliponicultores do Território do Sisal
- 18 Superação na geração de renda com mulheres e homens afrodescendentes.
- 21 Processos de organização social e política através da cadeia produtiva da mandiocultura
- 23 Uma experiência de produção e compra coletiva
- 26 Vida digna e permanência no campo
- 29 Novas perspectivas e os desafios do acesso ao mercado
- 33 Autonomia e geração de renda através da produção de alimentos
- 36 Aprendizagens e desafios



# Apresentação

As experiências socializadas nesta edição do Caderno de Experiência são frutos das experimentações e vivências de 40 empreendimentos econômicos solidários formados por agricultoras e agricultores familiares dos territórios da Bacia do Jacuípe, Portal do Sertão e Sisal, filiados a filiados Rede de Produtoras da Bahia/RPB e a Agência Regional de Comercialização da Bahia/ARCO-Sertão.

Visando contribuir para a consolidação dos princípios do comércio justo e da economia solidária nas práticas desses sujeitos sociais, é que o Movimento de Organização Comunitária/MOC e o Sistema de Apoio a Micro e Pequenas Empresas da Bahia/SEBRAE uniram forças, recursos, ações e sonhos durante os período de 2009 a 2011.

O conjunto de vivências aqui apresentadas, pretendem visibilizar as práticas desenvolvidas por agricultoras e agricultores familiares do semiárido baiano na construção cotidiana de outra economia.

Uma economia regada por sol, solidariedade, confiança, companheirismo e perseverança.

Uma economia plantada nas terras semiáridas do sertão baiano, regada com dedicação, suor, lágrimas e amor.

Uma economia colhida com as mãos calejadas, com o sorriso, com a dedicação e solidariedade das mulheres e dos homens do sertão.

Boa Leitura!  
Movimento de Organização Comunitária.

# Vamos fazer parte do Comércio Justo e Solidário!

Pois fortalecemos:

- o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a segurança alimentar e nutricional;
- os direitos dos (das) produtores(ras) e consumidores(ras) nas relações comerciais;
- a cooperação entre produtores - comerciantes - consumidores para aumentar a viabilidade, reduzindo riscos e dependências econômicas;
- a autogestão dos empreendimentos e a equidade de gênero, étnica e de gerações;
- a remuneração justa do trabalho;
- a preservação do meio ambiente.



A força das mulheres da te...

Adquirindo estes produ...  
você ajuda a constr...  
um Sertão mais jus...  
[www.rededeprodutoras.org.br](http://www.rededeprodutoras.org.br)

## Experiências das Redes de Empreendimentos Econômicos Solidários

# ARCO Sertão Bahia



A Agência Regional de Comercialização da Bahia (Arco Sertão) foi constituída em dezembro de 2002, como uma articulação em rede de várias cooperativas e associações da região. Atualmente são 35 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) filiados, entre eles, associações e cooperativas produtivas no beneficiamento de produtos da agricultura familiar e do agroextrativismo, localizados nos Territórios do Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão.

A constituição se deu após inúmeras discussões e reflexões, envolvendo entidades não-governamentais, instituições públicas, sindicatos de trabalhadores/as rurais, cooperativas e associações de agricultores e agricultoras familiares, a respeito da problemática da comercialização dos produtos da Agricultura Familiar. Decidiu-se pela institucionalização de uma entidade que pudesse aglutinar as diversas cooperativas e associações existentes nos Territórios do Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão

Com a missão de promover o desenvolvimento social, político e econômico dos empreendimentos da Agricultura Familiar e Economia Solidária, a Arco Sertão vem participando de espaços de construção, implementação e acesso às políticas públicas no âmbito municipal, territorial, estadual e nacional. Jacinto Vieira Costa, diretor da Associação Vilas Unidas, Biritinga, afirma que a Arco Sertão é um espaço de fortalecimento para os EES. “É através da Arco Sertão que os



EES fortalecem, conhecem e acessam as políticas e participam dos espaços de formação e comercialização”.

A diretora presidente da Arco Sertão Bahia, Josenildes Ferreira Costa diz acreditar que uma outra economia acontece “Hoje os agricultores e as agricultoras familiares têm a oportunidade de ficar na sua comunidade, através do acesso as políticas públicas de produção e comercialização, garantindo a geração de trabalho e renda. Acreditamos que outra economia começa a acontecer com o desenvolvimento do trabalho coletivo unindo forças para a superação dos desafios do campo”.

No cumprimento do papel de apoiar a comercialização dos empreendimentos filiados, e apesar destes ainda apresentarem desafios, a ARCO Sertão vem desenvolvendo ações no sentido de garantir a ampliação do acesso ao mercado aos seus filiados. A participação em feiras e eventos merece importante destaque. A agência vem se mantendo presente nos mais importantes espaços de comercialização e promoção dos produtos da agricultura familiar e economia solidária realizados no País, a exemplo das Feiras Nacionais da Agricultura Familiar e Reforma Agrária - FENAFRA, realizadas em Brasília-DF e das Feiras Estaduais da Agricultura Familiar e Economia Solidária, realizadas em Salvador.

Josemira Cunha diretora-presidente da Arco Sertão ressalta a importância das feiras. “Através da Arco Sertão, os empreendimentos tem a oportunidade de participar de várias feiras para a divulgação e comercialização dos produtos. Uma grande conquista para nós foi a realização da feira dentro do shopping de Feira de Santana, e foi na participação que tive a oportunidade de conhecer o shopping.”

## Fortalecimento do Comércio Justo e dos Empreendimentos Econômicos Solidários

A necessidade de existir novas relações no processo de comercialização dos produtos da agricultura familiar e economia solidária vem consolidando o papel da rede de comercialização ARCO Sertão Bahia. Com sua identidade definida através do selo denominado Riquezas do Sertão, vem incorporando aos produtos dos empreendimentos filiados, informações sobre origem e qualidade, buscando ampliar o entendimento e reconhecimento do público consumidor quanto às vantagens do consumo de produtos originários da agricultura familiar, enfatizando as relações sociais justas no processo produtivo, a qualidade e o respeito ao meio ambiente.

A ARCO Sertão, através dos espaços de formação, também proporciona a troca de conhecimento entre os EES e sobre os diversos mercados e as relações existentes. “A COOPERAGIL (Cooperativa de Produção, Comercialização e Serviços Pe. Leopoldo Garcia Garcia) empreendimento filiado a Arco, vem conquistando espaço de comercialização direta dos seus produtos, garantindo uma relação mais próxima com os clientes e a oferta de um preço mais justo”, comenta Izabel

Silva, presidente da Cooperativa.

Atualmente a grande maioria dos EES filiados a ARCO Sertão tem garantido a inserção direta dos produtos nos mercados institucionais, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE). Outro espaço que começa a se abrir são os mercados tradicionais locais, como supermercados, mercadinhos, feiras livres e até mesmo as encomendas feitas diretamente aos grupos ou através da entidade.

Também a Arco Sertão realiza feiras territoriais. Essa estratégia vem se consolidando como uma cultura regional. Assim tanto os EES como os/as consumidores/as vêm pouco a pouco firmando esse momento como importante espaço de comercialização justa e solidária.

Em 2009 outro espaço conquistado pela Arco Sertão para a exposição e comercialização dos produtos foi o Centro Público de Economia Solidária, localizada em Salvador-BA. Esse espaço garantiu a divulgação, a comercialização e a formação dos EES. Atualmente a ARCO faz parte da construção do Sistema Nacional de Comércio Justo Solidário (SNCJS) que ao final poderá garantir a certificação Organizacional de Comércio Justo Solidário da entidade.



“A ARCO Sertão Bahia vem desenvolvendo o trabalho para que todos os empreendimentos filiados tenham acesso aos diversos mercados, especialmente na comercialização direta, garantindo assim, uma relação mais justa e solidária aos consumidores”, relata Eleneide Alves Cordeiro, diretora financeira da ARCO Sertão Bahia.

## Desafios apontados

Apesar de alguns avanços a ARCO Sertão Bahia ainda visualiza diversos desafios a serem superados. Neste sentido, destacamos as seguintes necessidades, como objetivos a serem atingidos:

a) Estruturação dos EES filiados: Quase a totalidade dos EES filiados à Arco Sertão não possuem uma estrutura adequada para a produção. O desafio enfrentado é de conseguir, com o apoio da sua rede de parceiros, recursos para a melhoria da infraestrutura dos empreendimentos;

b) Certificação da produção: Visando a inserção dos produtos em mercados regionais e interestaduais, a certificação da produção é um dos passos mais importantes. Conseguir a certificação significa iniciar um processo de homogeneização do produto, seguindo normas e padrões estabelecidos que identifiquem a origem dos mesmos. Os processos de certificação permitem aumentar o nível qualitativo do produto final, aliando e adaptando o saber fazer às realidades atuais do mercado e ao tipo de produtos que o consumidor procura e necessita. Assim as certificações abrirão possibilidades para novos mercados.

c) Ampliação no acesso a mercados: Neste campo o desafio é buscar novos espaços de comercialização e novos clientes para garantir a sustentabilidade da entidade e dos EES. A exemplo da Feira de Artesanato e Produtos alimentícios artesanais realizada no Shopping Center Boulevard em Feira de Santana que pela segunda vez, garantiu boas vendas e maior visibilidade para a Arco Sertão Bahia.

Por fim, vale ressaltar que, mesmo diante dos desafios apontados para a ARCO Sertão Bahia, a sua existência deve ser considerada e reconhecida como estratégia de ampliação da comercialização num mercado que no Brasil ainda é jovem: O Comércio Justo e Solidário.

# Rede de Produtoras da Bahia – uma experiência de auto-organização das mulheres rurais



A Rede de Produtoras da Bahia (RPB) nasce em 2002 da articulação de nove empreendimentos econômicos solidários – EES formados exclusivamente por mulheres rurais, chegando em 2011 com 55 EES filiados, envolvendo cerca de 600 mulheres rurais e periurbanas, distribuídas em 17 municípios do interior do estado.

Essa articulação proporcionou a troca de saberes entre as mulheres, tendo nos encontros regionais oportunidade para intercambiar receitas, trançados, sabores, aflições e angústias. Cada espaço da RPB se configura como uma chance de tornar visível as descobertas das mulheres em seus diferentes EES.

“Tudo está sendo muito gratificante, principalmente porque além de todos os aprendizados, estamos tendo a oportunidade de participar de intercâmbios e trocar experiências com outras mulheres e outros grupos de produção. Além disso, o grupo está mais organizado e as mulheres estão mais interessadas em dar continuidade ao trabalho, ampliar e potencializar a produção acrescentando inclusive, novos produtos”, afirmou Dona Maria José de Oliveira do grupo GEMA.

Após um ano e meio de longos debates, as mulheres tomaram a decisão de constituir a Cooperativa Rede de Produtoras da Bahia - COOPEREDE, atendendo as exigências legais de organização jurídica, mas por outro lado características da

articulação informal que nasceu em 2002. “Foram momentos de muita preocupação, angústias, mas também de alegrias, para nós um momento marcado também por muitos desafios. Agora é tocar os processos e buscar cada vez mais qualidade na produção de todos os nossos produtos. Viemos para fazer a diferença e contribuir no desenvolvimento da nossa região”, relata Valmira Lopes, Secretária da Cooperativa.

A COOPEREDE tem a missão de articular e fortalecer a cooperação dos grupos de mulheres produtoras, através da organização e da comercialização, visando consolidar a participação da mulher na construção do desenvolvimento solidário.

## Experiências de práticas justas e solidárias de acesso a mercados

As produtoras da COOPEREDE atuam nas áreas de alimentação e artesanato. Os empreendimentos valorizam os produtos da agricultura familiar e a riqueza da culinária regional, a cultura local e o respeito à natureza. Prioritariamente são utilizados como matéria-prima os produtos oriundos da agricultura familiar da região, bem como os frutos do bioma caatinga.

São duas as principais áreas de produção: os alimentos que são processados artesanalmente pelas mulheres rurais, sendo eles: sequilhos, bolos e biscoitos produzidos com subprodutos da mandioca e as polpas de frutas, especialmente feitas com frutos do bioma caatinga, umbu, cajá, tamarindo e maracujá do mato. A outra atividade é a produção de alimentos para eventos, cafés da manhã, lanches, almoços e jantares, tendo como matéria-prima os produtos fornecidos por outros EES, praticando a intercooperação, tendo diversas unidades de produção. A pioneira funciona na própria sede da cooperativa em Feira de Santana, envolvendo diretamente na atividade de processamento mulheres integrantes de quatro EES filiados.

Já os empreendimentos que atuam no artesanato utilizam como matéria-prima prioritária os produtos agroextrativistas do bioma caatinga, tendo como princípio o manejo agroecológico do bioma. São confeccionadas bolsas, bijuterias, acessórios de cozinha, produtos decorativos feitos com palhas de ouricuri e ariri, fibras de sisal e caroá, bem como fios de cipó.

Como alternativa para diversificação da produção, diversos são os empreendimentos que atuam em ambos os ramos de produção, tendo momentos definidos para as atividades de produção de alimentos e outros para a confecção do artesanato, atendendo a um preceito da agricultura familiar que é a policultura.

Estando a atividade produtiva com seus passos iniciais organizados, amplia-se o desafio do acesso a mercados, buscando mecanismos de contato direto de consumidores clientes, aproximando a relação de produção e consumo. Orientadas por este pensamento, definiu-se as estratégias de acesso a mercados:

#### a. Criar Espaços Fixos de Comercialização

Para dar maior visibilidade e proporcionar a comercialização dos produtos dos empreendimentos solidários filiados à Rede de Produtoras da Bahia. Em 2009 foi inaugurada a primeira loja coletiva no centro do comércio da cidade de Feira de Santana, onde os visitantes podem ter acesso aos produtos da agricultura familiar e artesanato.

Esse primeiro espaço vem se projetando como experiência piloto, o propósito é que a experiência passe a ser replicada nos demais municípios onde a RPB atua, tendo o município de Santaluz como o primeiro a replicá-la, com a inauguração do espaço de comercialização auto-gestionária realizada em agosto de 2011.

“A expectativa é que a loja potencialize a comercialização dos produtos da agricultura familiar, fortaleça o trabalho das mulheres e ajude a desenvolver as comunidades rurais”, diz Cristiane Souza do grupo Mulheres Tecendo Arte.

#### b. Implantar de Espaços de Prestação de Serviços

O Centro de Formação da Rede de Produtoras da Bahia é mais uma oportunidade de geração de renda para as mulheres rurais, através dele a COOPEREDE vem disponibilizando os serviços de alojamento, aluguel de espaço para eventos e culinária regional. Atualmente este espaço vem sendo dinamizado pelas mulheres integrantes dos quatro EES de Feira de Santana, e pelo fornecimento da matéria-prima produzida pelos EES filiados a cooperativa, o que para os grupos são produto final, para a COOPEREDE é considerado como insumo. São polpas de frutas, temperos, hortaliças, ovos, mel, iogurte, carne, cocadas, doces, farinha dentre outros produtos da agricultura familiar e culinária regional.

Assim como a estratégia anterior, o primeiro Centro de Formação localizado no bairro Papagaio, em Feira de Santana, tem se tornado referência. O espaço possui capacidade para hospedar 50 pessoas e infra-estrutura necessária para realização de oficinas e cursos. Outras experiências de multiplicação da estratégia já foram iniciadas no próprio município de Feira de Santana, mas também nos municípios de Retirolândia, Santaluz, Serrinha e Teofilândia, sendo os quatro últimos apenas voltados para realização de atividade de culinária regional.

#### c. Realizar Feiras Regionais Próprias

Como forma de ampliar a visibilidade das mulheres e de seus produtos, desde 2006 a COOPEREDE vem realizando Feiras Regionais das Mulheres Produtoras. Essa estratégia vem se consolidando como uma cultura regional, assim, tanto os EES como os/as consumidores/as vem pouco a pouco firmando esse momento como importante espaço de comercialização solidária.

#### d. Acesso ao Mercado Institucional

O acesso ao mercado institucional está centrado especialmente na participação no Programa de Aquisição de Alimentos

- PAA, o qual é gerenciado pela Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, e no Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, gerido pelas Prefeituras Municipais e Governo do Estado. Atualmente os EES dos municípios de Conceição do Coité, Quijingue, Retirolândia, Santa Bárbara, Santa Luz, Serrinha e Teofilândia estão acessando este mercado, fornecendo principalmente os produtos derivados da mandioca e das frutas, bem como as hortaliças e ovos caipira.

Outra experiência de acesso a este mercado é a participação em licitações públicas para fornecimento de alimentos para a realização de eventos. Na experiência citada anteriormente a forma de acessar é coletiva por município, nesta estratégia é acessar diretamente em nome da própria cooperativa. Para tanto, a COOPEREDE vem sendo estruturada para participar de diversas modalidades de licitações públicas, já tendo a experiência de ter saído como vencedora em algumas delas. Nesta estratégia, toda captação é direcionada para as unidades de prestação de serviços de culinária regionais distribuídas em diferentes municípios.

### Alguns desafios postos à experiência

São diversos os desafios presentes no funcionamento dos empreendimentos econômicos solidários formados por mulheres, entretanto apontamos alguns como os mais urgentes:

- Alto índice de mulheres analfabetas e/ou semi-analfabetas, especialmente nos EES agroextrativistas, o que dificulta a participação das mesmas nos espaços de controle social das políticas públicas, bem como em processos de gestão do empreendimento;
- Dificuldade na adequação das unidades produtivas nas exigências da vigilância sanitária, especialmente para a estadual, principalmente na unidade central que funciona com sede da Cooperativa;
- Insuficiente número de equipamentos nas unidades produtivas;
- Ausência da identidade visual dos produtos;
- Insuficiente acesso aos mercados, especialmente para os produtos de artesanato;
- Inadequação da estrutura física das Unidades Coletivas de Comercialização (Loja) e Prestação de Serviços (CFC).



Experiências das Redes  
de Empreendimentos  
Econômicos Solidários  
no acesso aos mercados  
justos e solidários.



## Organização dos apicultores e meliponicultores do Território do Sisal

O Território do Sisal tem cerca de 1.200 apicultores e meliponicultores que produzem 160 toneladas de mel por ano. Em alguns municípios essa atividade já é praticada há bastante tempo, enquanto em outros é bem mais recente. Mesmo com todo esse potencial produtivo, o território não possuía uma organização que represente os interesses desse grupo de agricultores/as. Percebendo esta realidade e sabendo que apenas as entidades municipais não dariam conta das suas necessidades, começou-se então a pensar na constituição de uma organização dos próprios apicultores e meliponicultores, organização esta que pudesse representá-los politicamente, como também facilitar as vendas dos seus produtos.

Em outubro de 2006, após várias reuniões, deu-se origem a uma cooperativa. Os apicultores e meliponicultores dos territórios decidiram naquele momento pela criação de uma entidade que de fato

os representassem e fosse gerida por eles. Com este desejo, nasce então a Cooperativa dos Apicultores e Meliponicultores do Semi-Árido do Estado da Bahia (COOAMEL). Uma cooperativa formada por setenta e três apicultores e meliponicultores dos Territórios do Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão, tendo estes como sócios fundadores. A atuação da cooperativa atualmente acontece nos três territórios, com ações diretas em 19 municípios, através da mobilização dos sujeitos de direitos (apicultores e meliponicultores), da realização de capacitações e intercâmbios e a participação em congressos, seminários, feiras, e outros espaços afins.

A COOAMEL tem como missão proporcionar o exercício da atividade profissional aos seus cooperados/as procurando assim garantir trabalho e renda com dignidade, além de assegurar a melhoria no beneficiamento dos produtos oriundos das abelhas, agregando valor aos mesmos, e conseqüentemente aumentando a renda dos apicultores e meliponiculto-



res. “Tínhamos dificuldades de vender os produtos, pois os preços eram muito baixos, e o comércio ainda muito fechado. Quando surgiu a cooperativa, participei da fundação e passei a ser diretor, neste momento as coisas começaram a melhorar, facilitando a comercialização. Um dos pontos positivos foi que nos livramos dos atravessadores pois o preço do mel melhorou e tudo ficou mais fácil. A COOAMEL conseguiu juntar os apicultores de vários municípios para trabalharem em conjunto, unidos seguimos o exemplo das abelhas”, relata Marivaldo Almeida de Sousa, presidente da cooperativa.



## As Conquistas

As ações da entidade priorizam sujeitos de direito como os apicultores/as e meliponicultores/as, os grupos comunitários, associações e cooperativas que desenvolvam ações ligadas à apicultura e meliponicultura, oriundos da Agricultura Familiar e Economia Solidária. “Através da COOAMEL podemos dizer que apicultores/as e meliponicultores/as passaram a compreender melhor a importância de uma organização regional, acompanhando e ajudando a melhorar as suas organizações locais. A Cooperativa regional proporciona também maior participação dos/as apicultores/as e meliponicultores/as nas feiras de comercialização, congressos de apicultura e meliponicultura, seminários territoriais, intercâmbios para trocas de experiências, além de participação em palestras, cursos e outros espaços. Podemos destacar que um grande passo dado é a comercialização através do Programa de Aquisição de Alimentos e Alimentação Escolar, o que só foi possível porque estamos organizados em uma entidade regional”, conta David Gonçalves, tesoureiro da COOAMEL.

## Os Desafios

A falta de um espaço adequado para beneficiamento do mel é um desafio encontrado pelos 1.200 apicultores/as e meliponicultores/as nos três territórios de atuação da entidade. A produção é algo considerável, atualmente cerca de vinte e quatro mil caixas de abelhas estão distribuídas nos 19 municípios. Contudo, pela falta do espaço de beneficiamento não se seguem todas as normas sanitárias exigidas pelo Governo do Estado. Além desse desafio, os apicultores/as e meliponicultores/as ainda buscam garantir maior inserção dos seus produtos no mercado, assegurando empoderamento dos sujeitos envolvidos e a sustentabilidade financeira da Cooperativa Regional.

## Superação na geração de renda com mulheres e homens afrodescendentes



A Associação Comunitária Vilas Unidas, localizada na comunidade de Vila Nova, auto-definida de remanescente de quilombo, município de Biritinga, vem desenvolvendo atividades coletivas com as mulheres na geração de trabalho e renda. O trabalho teve início em 2008, através da assistente social do município, que desenvolveu o trabalho de resgate cultural na comunidade com o artesanato de palha. “Com o projeto de artesanato de palha, eu aprendi a fazer um pouco mais do artesanato. E aprendi também que esta atividade é uma coisa dos nossos antepassados, das bisavós, avós e mães”, conta Maria José Borges.

Dona Almerinda de Jesus, de 86 anos se recorda de como aprendeu a tecer a palha. “Aprendi a tecer palha por natureza, quando era menina e via os outros tecer, fazia brincando. Eu ia também junto para arrancar, aprendi vários trançados, vendia 22 braças (correspondente a 44m) por R\$ 1,20”. E ela também conta que com a atividade gerava a renda da família nos momentos difíceis. “Quando o pai das crianças me deixou, eu tinha seis filhos e o menor estava na barriga, isso foi em 1960. Aí eu botava as crianças pra tecer e eu cozia chapéu e vendia”, conta a artesã.

No grupo Tecendo Amanhã, muitas mulheres herdaram o conhecimento das antepassadas, outras aprenderam ali mesmo, no dia-a-dia do trabalho. Maria José Borges dos Santos conta um pouco sobre essa herança cultural e econômica. “Minha bisavó tecia muito e ainda hoje, com 98 anos ela tece palha. Antigamente ela costurava muitas esteiras, muitos chapéus. Eu aprendi com a minha avó, relata Maria José Borges. O povoado de Vila Nova expressa aspectos da sua cultura quilombola materializados através do artesanato, chapéus e esteiras feitos de palhas de uma palmeira nativa da região chamada ariri ou licuri”.

Jacinto Vieira Costa, diretor da associação comunitária, fala que vem buscando alternativas de geração de trabalho e renda para as famílias da comunidade. “As mulheres produzem muitos produtos de palha mas só conseguem vender em feiras que elas participam via Arco Sertão que não é sempre que tem as feiras.” Com a dificuldade no escoamento da produção do artesanato, o grupo buscou alternativas, passou a produzir alimentos e comercializar para mercados locais e institucionais.

No final do ano de 2010, as mulheres iniciaram a produção de alimentos como: cultivo de hortaliças (alface, coentro, couve, quiabo, pimentão, cebolinha, chuchu) e polpa de frutas e sequilhos. Atualmente vem comercializando para o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e Programa Nacional da Alimentação Escolar – PNAE.

Hoje, quatorzes mulheres vêm diversificando a produção de artesanato e alimentos para a geração de trabalho, garantindo a melhoria da qualidade de vida da família. Geronisse Luciano dos Santos valoriza a produção de artesanato, todavia afirma que a de alimentos foi capaz de dar sustentabilidade. “Não paramos de produzir o artesanato de palha, fazemos quando vamos participar em feiras. Foi a produção de alimentos que deu a sustentabilidade para o grupos garantindo uma renda mensal, como também a melhoria da qualidade de vida.”

## Comércio Justo, uma longa caminhada

A Associação conheceu o trabalho de articulação dos EES realizado pela Arco Sertão Bahia no Território Sisal, que estimula a formação de uma rede para acesso aos diversos mercados e se filiou. As mulheres de Vilas Unidas vêm participando das discussões sobre economia solidária, comércio justo nas feiras da agricultura familiar e economia solidária. “Aprendemos que sair do povoado e do próprio município podia ampliar as opções de comercialização e conhecer novos mercados. E através da participação da Arco Sertão, fomos capacitadas e tive o conhecimento dos mercados institucionais e, hoje, estamos comercializando e garantindo a geração de trabalho e renda para as mulheres da comunidade”, diz Maria José Tomaz, diretora da associação.

“Antes de conhecer a ARCO a gente não tinha curso, não tinha capacitações. Tínhamos pouco conhecimento. Fomos para novos espaços e feiras. Tudo isto nasceu com a ARCO, se não ainda estaríamos lá sem conhecimento, sem comercializar. Depois disso mudou muita coisa na nossa vida, foi muito importante. Melhorou a qualidade da produção, conseguimos mais espaços de comercialização. Estamos participando até nas feiras dentro do Shopping, em Feira de Santana e em feiras nacionais. Temos que seguir em frente e não desistir” , ressalta Maria José Borges dos Santos.

## Desafios apontados

Os desafios apontados pela Associação Comunitária Vilas Unidas é ampliar o grupo, garantindo a geração de trabalho e renda para as famílias da comunidade, investimento nos espaços de produção e ampliação do espaço do cultivo da hortaliça, ampliação no acesso a mercados, melhorar a apresentação dos produtos e buscar o registro dos produtos. Jacinto Vieira Costa, diretor da Associação, recorda a luta pelo reconhecimento enquanto remanescente quilombola e aponta desafios “A luta que tivemos pelo reconhecimento enquanto descendente de quilombola foi grande. Temos agora como desafio a busca de projeto que apóie o nosso povo da comunidade para uma vida melhor no campo.”



## Processos de organização social e política através da cadeia produtiva da mandiocultura



Fundada em 1987, a Associação Comunitária da Região de Onça, localizada no município de Conceição do Coité tem como sua precípua atividade o beneficiamento da mandioca, principal cultura agrícola local, além da organização social e política dos agricultores e agricultoras familiares da região.

Mesmo com seus mais de vinte anos de existência, nem sempre a Associação teve suas atividades tão bem desenvolvidas como agora. Passou por um significativo período de desarticulação dos associados, o que quase culminou no encerramento de suas atividades. Mas essa realidade mudou. Nos últimos oito anos teve uma grande retomada e crescimento de suas atividades que hoje são a produção de farinha de mandioca, beiju, bolachas e sequilhos.

As atividades produtivas são atualmente realizadas por cerca de 150 agricultores/as filiados à associação, que contaram com apoio de organizações para esse processo de reestruturação, como o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR), Movimento de Organização Comunitária (MOC), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas (SEBRAE) e Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia (CAR), a partir da identificação e reconhecimento da vocação que o município possui na produção de mandioca, organização dos agricultores (as) em torno dessa cadeia e investimentos em infra-estrutura.

## Acessando mercados

Os principais mercados acessados e que geram maior renda para o grupo são as feiras livres no próprio município e em municípios vizinhos. Outros mercados acessados, considerados de grande importância para o grupo, são o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Alimentação Escolar para a prefeitura local e dos municípios de Barrocas, Serra Preta e Água Fria.

Outra alternativa é a venda dos produtos para os supermercados de Conceição do Coité e municípios vizinhos como Retiroândia, como relata Maria Natividade de O. Moraes. “Vendo para dois supermercados em Retiroândia, os donos não ficam sem pegar minha mercadoria e graças a Deus tem muita saída”.

Um das conquistas reveladas pelo grupo é a melhoria da geração de emprego e renda na região, como diz Veronice Carneiro da Silva, beneficiária fornecedora no projeto PAA. “A geração de renda melhorou com a associação e a casa de farinha”. Para Vanusa Cerqueira Ferreira, também membro do grupo, são diversas as atividades ligadas ao beneficiamento da mandioca. “Mesmo quem não planta, quem não possui roça, ganha com a mandioca por que pode trabalhar em outras atividades ligadas a ela, como a colheita, raspa, produção de beiju e a venda”.

Agora, no ano de 2011 a Associação Comunitária da Região de Onça conta com mais um projeto aprovado e em execução do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA – da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB.

## Busca pela qualidade

Apesar dos avanços alcançados nos últimos anos, há desafios para a associação, como o aumento e a melhoria da produção; utilização de uma marca que expresse a origem e identidade dos produtos e o uso de embalagens adequadas e padronizadas. Para alcançar esse objetivo, a associação tem encaminhado projetos junto à CAR e conta com apoio do SEBRAE, MOC e ARCO SERTÃO.

O desenvolvimento desse grupo também pode ser atribuído à organização do trabalho enquanto Cadeia Produtiva, como conta Miguel Dominiense de Oliveira, presidente da associação. “Não produzimos mandioca pensando só na farinha, mas como um todo, agregando valor, tendo um aproveitamento de todos os subprodutos da mandioca”.

Percebe-se que a organização dos agricultores/as a partir dos princípios da Economia Solidária, do diálogo direto com os produtores, fornecedores e consumidores têm permitido e ampliado o acesso a mercados tradicionais, como as feiras e mercearias locais, mercados institucionais como PAA e Alimentação Escolar, mostrando que é possível e já é uma realidade o comércio justo e solidário no meio rural.

## Uma experiência de produção e compra coletiva



A Associação Comunitária dos Amigos do Centro São João de Deus e Cooperativa de Produção, Comercialização e Serviços Pe. Leopoldo Garcia Garcia (COOPERAGIL), ambas localizadas no município de Ichu, vem contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar, através de fomento e acompanhamento de grupos produtivos nas áreas de artesanato (palha, sisal, tecelagem, tecido e bijuteria) e na área de alimentação (beneficiamento de frutas, beneficiamento da mandioca e hortaliças). São 11 grupos, na sua grande maioria, formados por mulheres, da sede e das comunidades de Nova Esperança, Licuri, Morro Redondo, Campinas e Barra, no município de Ichu.

Para reduzir custos na produção e facilitar a comercialização dos produtos com um preço justo, as duas entidades começaram a experiência na aquisição coletiva de insumos para confecção do artesanato em palha. Ednéia dos Santos, diretora do Centro São João de Deus explica como os grupos encontraram essa alternativa.

“Depois da realização de reuniões com as produtoras, concluímos que para superar esta dificuldade de coletar da palha com custo baixo, teríamos que trabalhar de forma coletiva, dividindo as despesas com o transporte entre elas. Na primeira viagem além da redução de custos com o transporte, proporcionou o resgate cultural com várias cantigas e contos, foi um dia muito especial para todas”, recorda Ednéia dos Santos.



Maria Dalva, presidente da COOPERAGIL, explica como o processo de compras coletivas tem ajudado na redução dos custos. “Esta forma de comprar e distribuir coletivamente vem contribuído com a redução de custo. Nas compras coletivas feitas mensalmente garantimos descontos, prazos a pagar e não temos custo com frete de transportes, devido à grande quantidade comprada o fornecedor entrega no município. Apesar dos preços garantidos pelo PAA serem baixos, com essa dinâmica é possível viabilizar, e o que sobra é dividido entre as/os filiadas/os”.

## A cultura do artesanato de palha

O artesanato de palha é uma cultura muito forte no município, algumas mulheres se organizaram em grupos, outras optaram pela produção individual e/ou familiar, e de forma coletiva na busca da matéria prima. Izabel da Silva, diretora da COOPERAGIL, fala da importância da atividade para as mulheres e a comunidade. “A nossa maior preocupação não foi só com a parte econômica, na redução do custo de produção, também nos preocupamos com a cultura local que não poderia acabar por falta da palha no município. O que seria da comunidade e das mulheres extrativistas com a extinção desta atividade? Perderia uma história de muitos e muitos anos, que vem passando de geração para geração. O cenário na comunidade é muito bonito, ver as palhas espalhadas nas calçadas para secar, pela tarde as mulheres no batente da varanda de casa tecendo as tranças para a elaboração de bolsas, chapéus, esteiras, não podemos deixar essa cultura acabar!”, afirma a Izabel Souza.

A comunidade tem se mobilizado para manter a tradição, uma das iniciativas é o replantio do ariri e do licuri, árvores nativas de onde a palha pode ser extraída.

## Comercialização de alimentos através do PAA

Os grupos que trabalham na área da alimentação produzindo polpa de frutas, beiju, tapioca, bolo e sequilho, têm acesso ao comércio justo e solidário através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), na modalidade de doação simultânea. Essa participação proporcionou uma dinâmica entre as duas entidades na compra de insumos e na distribuição de forma coletiva, diminuindo as despesas com o transporte.

Na sede do município as duas entidades abriram a Central de Comercialização, um local de apoio aos produtos elaborados pelos grupos para a distribuição às entidades consumidoras. Com rotinas estabelecidas, dia e horário agendado, são enviados os produtos e as entidades vão buscar para posteriormente fazer a distribuição às famílias carentes na

comunidade, por causa do PAA/CONAB. Além disso, é um espaço de apoio às compras coletivas de insumos (açúcar, fermento, sacos, caixas) e embalagens que não são produzidas pelos grupos.

Cada empreendimento tem o seu planejamento e atribuições definidas pela coordenadora e tesoureira, que são responsáveis pelo levantamento das demandas de compras e controle dos custos. Roseane Bispo, presidente do Centro São João de Deus, conta como funciona a gestão. “Cada grupo tem a sua gestão própria, mensalmente todos se reúnem e definem o que vai ser comprado e como será feita a divisão do lucro que sobra. A lista é encaminhada para a entidade, que faz o acompanhamento”.

Refletindo sobre as conquistas alcançadas pelos grupos, Kátia Marciana colaboradora do Centro São João de Deus, ressaltada um aspecto muito positivo, que é o valor que o próprio agricultor familiar passou a dar para seus produtos. “O que podemos concluir é que quando nos juntamos, nos fortalecemos, ficamos mais corajosas e nos sentimos empoderadas. Quebramos tabus, medos de chegar a escritórios comerciais, conversar com gerentes, diretores, para negociarmos melhores preços. O outro ponto forte diz respeito a nós mesmos da Agricultura Familiar. Hoje temos mais aproveitamento dos nossos produtos, estamos aprendendo a vender sem perder nosso potencial de solidariedade, além de estar aumentando nosso conhecimento, porque se abriram portas para participarmos de eventos, capacitações e nós mulheres conquistamos o direito de ser mulher, ser mãe, ser esposa e sermos cidadãs e também lutar para uma convivência mais respeitosa entre homens e mulheres.”



## Vida digna e permanência no campo



No município de Retirolândia, região Sisaleira da Bahia, a 18 km da sede, está localizada a comunidade de Bastião, uma pequena fazenda que ficou conhecida pelo trabalho de cinco mulheres que em 2002 iniciaram um trabalho de produção de tempero, como alternativa para fugir do trabalho pesado e doloroso dos campos de sisal. A partir de uma iniciativa do Movimento de Organização Comunitária (MOC), as mulheres começaram a se reunir e discutir novas alternativas de geração de trabalho e renda. É neste contexto que surgiu o grupo do Tempero PROSPERAR.

A experiência iniciou depois que um grupo de cinco mulheres da comunidade foi tomar um curso de tempero seco no município de Riachão do Jacuípe. A partir daí elas começaram a produzir, logo deram o nome de Tempero Prosperar.

“Para mim foi um grande sucesso, pois antes trabalhava no motor de sisal para ajudar nas despesas da casa, era muito difícil saía segunda chegava sexta, não tinha tempo para meus filhos, o que ganhava não dava para o sustento da casa. Sofri muito no motor, eu fazia de tudo. Hoje eu trabalho na sombra fico perto dos meus filhos”, afirma Elenilza Oliveira uma das fundadoras do grupo.

As mulheres trocaram o trabalho pesado e perigoso nas plantações e bateadeiras de sisal pela produção de tempero natural. Dona Isabel Cerqueira uma das integrantes do grupo, recorda emocionada o dia em que deixou a vida sofrida

para trás. “Eu trabalhava gestante porque eu precisava do dinheiro, cheguei até a desmaiar nos campos de sisal. Além de tomar muito meu tempo, a renda era muito pouca, eu andava cansada, quase não tinha tempo para minha casa e minha família.”, diz dona Isabel.

Com muito trabalho e o apoio de organizações parceiras o grupo construiu um espaço para o processamento e armazenamento dos produtos e aos poucos foi conquistando o mercado institucional no próprio município e em municípios vizinhos, chegando a comercializar o produto para a Empresa Baiana de Alimentos (EBAL), em 2004.

## Ampliando o espaço

Mesmo com muitas dificuldades no processo de comercialização dos produtos, as mulheres apostaram nos seus sonhos e com muita garra se mantiveram firmes na luta por uma vida mais digna. Em 2009, com o apoio do MOC, Rede de Produtoras da Bahia e a Agência Regional de Comercialização (Arco Sertão), além de projetos firmados com a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) e o Banco do Nordeste, as mulheres conseguiram ampliar o espaço de produção, que hoje conta com quatro salas de produção, três banheiros, vestiário e duas cisternas para captação e armazenamento de água, além de adquirir novos equipamentos para o processo de produção.

Com essas conquistas, as mulheres sentiram necessidade de ampliar o grupo e a produção. Uma alternativa foi incorporar um grupo de mulheres já existente na Comunidade de Casa Nova, que produziam artesanato. Assim o grupo foi ampliado para 14 mulheres e passou a produzir novos produtos como sequilhos, bolos, beiju e polpa de frutas, além do tempero e artesanato. A produção vem sendo comercializada através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE), e em alguns mercados do município. O grupo também tem um espaço garantido na Feira Agroecológica, onde vem comercializando os seus produtos. Outro espaço de comercialização do artesanato é a loja da Rede de Produtoras da Bahia, localizada em Feira de Santana e as feiras da Economia Solidária em nível regional, estadual e nacional.

## Aprendizagens e o trabalho em grupo

O trabalho do grupo tem ajudado a mudar o destino de muitas mulheres da comunidade que antes trabalhavam no motor de sisal. “Trabalhar em grupo foi uma experiência maravilhosa, pois aprendi a me relacionar melhor com o outro e ter uma auto-estima elevada, aprendi que todo ser humano é capaz de conseguir o que deseja, basta lutar e ser otimista e que o cooperativismo é um dos caminhos para ter uma vida tranqüila e digna. É através do trabalho coletivo



que valorizamos e aprendemos a ser mais solidários”, afirma Jailza Oliveira integrantes do grupo.

Genicássia Oliveira que há um ano faz parte do grupo conta que também viveu essa realidade desde a adolescência. “Desde meus 13 anos comecei a trabalhar em casa de família, depois de 10 anos saí e fui trabalhar no motor de sisal, um trabalho cansativo, onde ficava exposta ao sol o dia todo e era muito humilhante pois ganhava muito pouco. Mudou muita coisa em minha vida, aprendi a viver em grupo e partilhar experiências. Tem sido um alto refúgio para mim tanto na parte financeira como na parte espiritual”, ressalta.

O valor significativo do tempero, sequilhos, bolos e outros produtos produzidos pelo grupo, é um exemplo da superação. As mulheres não dependem de esforço físico para mostrarem a força que tem. Elas conquistam autonomia e garantem seu espaço na sociedade. Além de ser um incremento na renda, o trabalho das mulheres tem sido fundamental para a elevação da auto-estima através da valorização do seu trabalho, da participação política nos espaços e superação da timidez. “Hoje eu me sinto uma mulher realizada, além do aumento da renda, que ajuda muito a mim e minha família, o conhecimento que eu adquiri ao longo desse tempo vou levar para toda a vida”, afirma Dona Isabel.

## Permanência das jovens no campo

Uma das conquistas da organização das mulheres tem sido a contribuição que estas vêm dando para a permanência das jovens mulheres no campo, como pode ser observado no depoimento de Lucinelma Soares. “Hoje tenho o 2º grau completo mais não penso em sair daqui para ter outros meios de vida lá fora, a partir dessa experiência eu quero continuar vivendo aqui sempre buscando o meio de sobrevivência e ajudando também a minha família e a comunidade”.

O trabalho das mulheres tem dado esperança a muitas jovens da comunidade como Lucinelma que antes não tinha alternativa de geração de renda a não ser o trabalho pesado no motor de sisal ou a migração para a zona urbana. A organização das mulheres confere a elas o empoderamento político e econômico, dando-lhes autonomia e elevando a auto-estima dessas guerreiras, que antes se viam humilhadas e oprimidas por uma sociedade machista e desigual.

## Autonomia e geração de renda através da produção de alimentos



No município de Santa Luz, a 26 km da sede, está localizada a comunidade de Miranda, que tem se tornado conhecida pelo trabalho do grupo Mulheres de Fibra. O grupo criado em 2004 caracteriza a força e garra dessas mulheres que mesmo diante das adversidades da vida, de uma realidade tão perversa, com pouca chuva e sem oportunidade de geração de renda, não perderam a esperança de lutar por melhores condições de vida.

O grupo surgiu a partir de uma capacitação de artesanato de sisal que houve na comunidade envolvendo 30 pessoas. As mulheres enfrentaram muitas dificuldades na formação, por falta de recursos para compra da matéria-prima, de modo que apenas cinco quiseram participar. Para iniciar a produção, as mulheres precisavam comprar fios de sisal em Valente, cada uma doou R\$ 5,00. Assim começaram a tecer suas peças e receberam apoio de algumas pessoas da comunidade que compraram a produção.

As mulheres que fazem parte desse grupo vivenciavam e muitas ainda vivenciam a realidade do trabalho insalubre nos campos de sisal, onde passam o dia embaixo do sol que chega a cerca de 40°, com roupas improvisadas, cortando, carregando e estendendo folhas e fibras do sisal. Essa ainda é a realidade de Dona Glória Maria dos Reis que há três anos trabalha no grupo. “Trabalho no sisal durante a semana, porque a renda ainda não é suficiente para deixar o trabalho. Durante a segunda-feira eu me dedico ao artesanato e sequilho. A vida melhorou bastante, construí a cozinha que era pequena, o pouco que tiver já é uma ajuda para a família”.

O grupo de produção é formado por 32 mulheres que produzem artesanato de palha e sisal, sequilhos e bolo de mandioca, além de polpas de frutas, típicas do bioma caatinga. A comercialização dos bolos, sequilhos e polpa de fruta é feita para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e para a comunidade, já o artesanato é vendido na loja da Rede de Produtoras da Bahia em Feira de Santana, nas feiras regionais e estaduais da economia solidária, além de comercializar no espaço do Centro de Apoio aos Interesses Comunitários (CEAIC), no próprio município.

## Desafios para melhorar a geração de renda

O grupo já vivencia diversos resultados, porém muitos ainda são os desafios para que de fato as mulheres de fibra tenham geração de renda digna. Dentre eles é possível destacar a autogestão do empreendimento, voltado para o controle dos recursos, a formação de preço e o controle contábil; a ampliação do acesso ao mercado institucional, voltado especialmente para a continuidade do PAA e PNAE, além do acesso ao mercado justo e solidário, com foco no artesanato de palha e sisal, que atualmente tem pouco espaço de escoamento no mercado local.

Para Vanuza Santos, uma das fundadoras do grupo, um grande desafio ainda é a qualificação e a comercialização dos produtos. “Uma das principais dificuldades é o acabamento das peças, que ainda não tem perfeição, e o outro é a comercialização porque tem tempo que temos muita encomenda, que não damos conta, e tem tempo que não conseguimos vender nem uma bolsa de R\$ 5,00”.

## Conquistas

Através do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais elas conheceram a Rede de Produtoras da Bahia, a partir daí começaram a participar de reuniões e a se fortalecer. Elas receberam apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Cooperativa de Crédito que também apoiaram o grupo. Hoje o grupo foi ampliado e conta com 32 produtoras que se

dividem entre a produção de artesanato de fibra e palha, sequilhos, beiju, polpa e bijuteria. As mulheres foram capacitadas pela Rede de Produtoras e iniciou-se a comercialização para o PAA, incentivando outras comunidades.

Uma das conquistas do grupo foi a construção da sede a partir da participação no Projeto Mãos que Trabalham, financiado pela Petrobrás. O projeto disponibilizou o material para construção, porém não tinha a mão de obra, as mulheres se mobilizaram para arrecadar fundos na própria comunidade. Elas juntaram as pedras para a construção, cavaram o alicerce, carregaram água na cabeça, fizeram massa. Mesmo com tanto trabalho ainda receberam muitas críticas da comunidade, os homens desacreditavam da sua capacidade, mas eles também colaboraram na prática de mutirão. Outra conquista foi o Bocapiu de Leitura disponibilizado pelo Projeto Mãos que Trabalham. As produtoras levam o Bocapiu para casa para fazer as leituras, e depois devolviam para que outras pudessem utilizar.



As mulheres também dispõem de um quintal produtivo, onde cultivam fruteiras, hortaliças e plantas medicinais. Com dificuldades para o acesso à água, procuraram apoio e conseguiram a construção de uma cisterna-calçadão através do Movimento de Organização Comunitária. O grupo já está bem estruturado e vem comercializando os seus produtos para a CONAB, através do PAA, além de conquistarem participação em feiras da economia solidária, na loja da Rede em Feira de Santana e no próprio município. Outro avanço é negociação para participar do PNAE, que garante a compra de 30% dos produtos da alimentação escolar da agricultura familiar.

O grupo está bem organizado e articulado com os movimentos sociais, possui regimento interno e só trabalha com os



membros da Associação Comunitária, proponente do PAA, que envolve mais 3 grupos de produção de outras comunidades.

O espaço do grupo é também um local onde as mulheres se reúnem para discutir os seus problemas e questões sobre gênero, saúde, comercialização e gestão. Não se trata apenas de um espaço de trabalho, mas é o lugar onde as mulheres dividem suas alegrias e também os problemas, elas se divertem trabalhando, como afirma Vanuza Santos. “O trabalho do grupo é uma coisa importante para a gente, é uma terapia, a gente faz porque gosta, e se a gente não quiser vim, a gente não vem e não tem nenhum problema”.

Para Vanuza essa iniciativa é muito mais que um meio de ganhar dinheiro, “Nossa vida mudou porque hoje a gente tem decisão própria, não é mandada por ninguém, antes a gente tinha medo até de dar opinião. A renda mesmo sendo pouca ajuda muito, porque por mais que demore sempre chega na hora certa. A auto-estima levantou muito, antes as condições só dava para chegar até Santa Luz, hoje a gente já conhece outros estados, e os nossos laços de amizade aumentou, porque a gente sente falta quando não vem trabalhar”.

A organização das mulheres tem mudado significativamente suas vidas. Hoje já podem contar com a ajuda dos maridos no trabalho, porém no início tiveram muitas dificuldades e enfrentam muito preconceito, pois estes não compreendiam as transformações que estavam ocorrendo na vida das esposas. Hoje estão sendo capacitadas e orientadas para dialogar mais com eles, uma vez que elas ainda enfrentam dificuldades em participar de atividades em outros municípios.

A importância desse trabalho para as mulheres fica expressa na fala emocionada de Vanuza. “Eu acho que a gente está em um nível tão avançado que as pessoas estão querendo nos conhecer. Por isso que as redes de televisão vêm até a gente. A gente se sente importante e feliz, porque nem todo mundo tem acesso a esse direito, direito tem, mas nem sempre o trabalho é reconhecido”.

Para que todas essas conquistas fossem possíveis, as mulheres acessaram o crédito do fundo rotativo solidário da Rede de Produtoras, do PRONAF Mulher para investir na propriedade e do PRONAF B para compra de equipamentos. A mais recente conquista do grupo foi a implantação de uma loja no município para comercialização dos produtos do grupo, em articulação com outros 13 empreendimentos econômicos solidários do município.

# Autonomia e geração de renda através da produção de alimentos



A idéia inicial do grupo surge em 2002 a partir de uma iniciativa do Programa Nacional de Geração de Emprego e Renda (PRONAGER), que desenvolveu uma ação no município de Retiroândia na comunidade de Gameleira, a 8 km da sede. O programa tinha como objetivo capacitar agricultores/as familiares e fomentar a criação de pequenos empreendimentos cooperativos. Dessa iniciativa surge a COOPERGAMA – Cooperativa Mista de Gameleira. A partir de cinco mulheres que participaram do curso de capacitação em culinária, nasceu o interesse pela proposta. Elas resolveram se organizar em grupo, porém não tinham grandes perspectivas de continuidade devido à necessidade de maiores investimentos para iniciar a produção e comercialização.

Nesse mesmo ano o Movimento de Organização Comunitária (MOC) começa a executar o Projeto PROSPERAR que tinha como objetivo a geração de trabalho e renda para as famílias do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). O projeto tinha como uma das suas linhas de ação a capacitação dos agricultores e agricultoras familiares e a disponibilização de crédito para dinamização da produção. Através do projeto PROSPERAR as mulheres foram capacitadas, acessaram o crédito e iniciaram a produção.

O trabalho começou quando as cinco mulheres pegaram um financiamento de R\$ 3.000,00 pelo Projeto Prosperar via cooperativa de crédito para comprar os equipamentos e iniciar a produção. Com esse recurso foi possível comprar todos os equipamentos necessários à produção, como forno, batedeira, liquidificador industrial e balança. Porém, as mulheres não dispunham de um local adequado para trabalhar, de modo que o marido de uma das produtoras cedeu uma casa para que elas pudessem produzir.

As mulheres iniciaram com a produção de bolinhos de farinha de trigo, comercializados para a alimentação escolar do PETI e eventos. O grupo ficou conhecido no município como “o grupo do bolinho”.

## O processo de organização

A organização das mulheres tem contribuído significativamente para a mudança em suas vidas, isso pode ser percebido na afirmação de Maria Elia, uma das integrantes e fundadoras do grupo. “Para mim mudou muito, sempre gostei de cozinhar, mas nunca tive oportunidade de fazer um curso, a experiência foi muito boa, porque aprendi muita coisa. Eu era uma pessoa que não saía, casei, hoje eu saio graças a Deus, foi uma experiência de vida eu viajar”. A fala de Maria Elia é um reflexo do quanto o trabalho das mulheres tem contribuído para o seu empoderamento político e econômico, pois elas estão ampliando a ocupação de espaços na sociedade.

Em 2004, as mulheres conheceram a Agência Regional de Comercialização (Arco Sertão), através da COOPERGAMA, a partir da qual iniciaram a participação em espaços de representação política e comercialização. Logo em seguida, no ano de 2005, o grupo Sabor Gama se filia a Rede de Produtoras da Bahia e intensifica o seu processo de formação e comercialização, através das feiras da economia solidária. A participação em espaços de formação e representação política também tem contribuído significativamente para mudanças na vida de cada uma delas.

Em 2007 o grupo começou a comercializar para o PAA, quando iniciou a produção de sequilhos de fubá, bolo de farinha de mandioca, e em 2009 ampliou para polpa de frutas. O trabalho tem contribuído com a segurança alimentar e nutricional de famílias carentes do município que são beneficiadas com a doação dos produtos.

## Vidas transformadas

O grupo conta hoje com a participação de 13 mulheres, das quais oito são jovens comercializando nas feiras da economia solidária, para a alimentação escolar do município e através de encomendas.

“Pra mim a mudança é que quando a gente começou, só tinha cinco de nós, a gente vendia só pro PETI, em 2007 aumentou para 13, inserimos as jovens que não tinha renda” diz Maria Elia. Isso mostra como o processo de organização das mulheres tem promovido a equidade de gênero e geração entre as mulheres rurais, e lhes conferido uma remuneração justa pelo seu trabalho, já que antes eram exploradas no trabalho doméstico e nos campos de sisal.

Com a geração de renda, as mulheres conseguiram realizar um grande sonho em 2009, a construção da sede própria, iniciada em 2005. Essa conquista foi tão significativa para as mulheres que elas fizeram questão de fazer uma festa para comemorar a inauguração do espaço. Mas elas não se deram por satisfeitas. Em 2010 acessaram o fundo rotativo da Rede de Produtoras para ampliar o espaço de produção com a construção de um salão para reuniões, escritório e banheiro.

Além da independência financeira das mulheres, que não precisam ficar pedindo dinheiro aos pais e maridos, a experiência do grupo tem contribuído para o aumento da solidariedade e auto-estima das mulheres, que hoje não sentem mais vergonha de participar dos espaços, como ressalta Elzinete Andrade. “Eu era mais fechada com as pessoas, eu não era de falar, aprendi a viver em sociedade, porque a gente nunca vai viver sozinha sem a ajuda de uma amiga que dê força e trabalhar junto pela geração de renda, dá pra a gente comprar o que precisa, o necessário”.

As contribuições são diversas, para algumas a superação da timidez é uma delas, como conta Maria Cosme. “No início pra eu falar o meu nome parecia que eu ia desmaiar depois que eu fui participando, fui relaxando. Antes eu não falava numa reunião como essa, eu mudei, mudei muito”.

Muitas dificuldades foram superadas, porém muitos ainda são os desafios. O principal deles é a busca contínua pelo acesso ao mercado, que significa muito mais que um meio de ganhar dinheiro, trata-se de uma questão de auto-afirmação da mulher numa sociedade injusta e desigual.

## O acesso ao PNAE

Em 2010 as mulheres iniciaram a comercialização para o PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar, em 2011 elas concorreram à chamada pública e vem comercializando seus produtos (bolo, sequilhos e polpa de frutas) para as escolas municipais e estaduais. Além de garantir o incremento de renda das mulheres, essa conquista tem contribuído para a melhoria da qualidade da alimentação escolar de crianças, adolescentes e jovens, inseridos nos sistemas municipais e estaduais de ensino.

Essa conquista tem sido fundamental para manter o grupo funcionando, devido às dificuldades encontradas entre o término e a renovação das propostas do Programa de Aquisição de Alimentos, e à ausência de outros mercados que possam garantir uma compra continuada, como podemos observar na fala de Givânia Lopes, uma das integrantes do grupo “o PNAE foi uma oportunidade de manter o grupo funcionando”.

# Aprendizagens e desafios

Os Empreendimentos Econômicos Solidários filiados a Arco Sertão Bahia e a Rede de Produtoras da Bahia, na sua grande maioria construíram através de suas experiências uma longa caminhada de organização, gestão e acesso a mercado. Nos últimos anos, os EES têm avançado na comercialização dos produtos, especialmente através dos mercados institucionais (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE).

Outro espaço importante de comercialização para os empreendimentos são as participações nas feiras nacionais, estaduais e territoriais do setor, através Arco Sertão e Rede de Produtoras da Bahia, vem garantido à exposição, divulgação e comercialização dos produtos nestes espaços, sendo uma forma mais justa e solidária para os agricultores e agricultoras. Neste sentido, é estabelecida relação direta entre produtores/as, consumidores/as e preço justo.

Apesar das grandes conquistas obtidas pelos EES no acesso ao mercado, os mesmos apontam alguns desafios, tais como:

- Espaços de produção sem estrutura coerente com as normas estabelecidas pela legislação sanitária para emissão de certificado;
- Barreiras expressas em legislação e inspeção sanitárias e tributárias incompatíveis à realidade dos EES, em especial no processamento e agroindustrialização de polpas, doces e alimentos de origem animal;
- Padronização, uniformização e apresentação dos produtos pelos EES;
- Inovação e diversificação da produção pelos EES, para ampliação do acesso ao mercado, especificamente o mercado justo e solidário;

Por fim, apesar dos desafios apontados, as redes representativas dos EES, a Arco Sertão Bahia e a Rede de Produtoras da Bahia, estão contribuindo para o acesso ao mercado dentro dos princípios do Comércio Justo e Solidário, garantindo os direitos dos agricultores e agricultoras - consumidores e consumidoras nas relações comerciais e no fortalecimento da cooperação entre eles, buscando assim a consolidação de uma sociedade e de um consumo mais consciente e justo.

Realização:



Apoio:



Parcerias:

